



ARS AD HOC

*OBRAS DE SOLANGE AZEVEDO
E ARNOLD SCHÖNBERG*

06.10
18:00

Assinalando o 150º aniversário do nascimento de Arnold Schönberg (Viena, 13. Setembro. 1874 - Los Angeles, 13. Julho. 1951) - figura maior cujo pensamento marcou irreversivelmente a produção musical das gerações seguintes - o **ars ad hoc** inicia a temporada de 2024/25 com a apresentação de uma das suas obras mais emblemáticas. Com a criação de *Pierrot Lunaire* op. 21 [1912], para voz e quinteto instrumental, Schönberg estabelece não só o *sprechgesang*, mas também uma formação, desde então designada 'quinteto pierrot', cuja literatura não parará de crescer até aos nossos dias. Partindo de um desafio da actriz Albertine Zehme, a selecção de três conjuntos de sete melodramas faz uso da tradução alemã de um conjunto de poemas da obra homónima de Albert Giraud, experimentando, nas diferentes combinações tímbricas disponíveis e num sofisticado contraponto, a máxima diversidade com a maior economia de meios.

A abrir o concerto, é interpretado o trio *Is the timer set?* [2024], que a Arte no Tempo encomendou a Solange Azevedo (Póvoa de Varzim, 1995) no início deste ano e que evoca a relação do tempo com a forma como o percebemos em diferentes contextos.

PROGRAMA

SOLANGE AZEVEDO (1995)

Is the timer set? [2024]

para clarinete, violoncelo e piano

ARNOLD SCHÖNBERG (1874 - 1951)

Pierrot Lunaire, op. 21 [1912]

para voz, flautas, clarinetes, violino/viola,
violoncelo e piano

Ana Caseiro > soprano

Ricardo Carvalho > flautas

Horácio Ferreira > clarinetes

Diogo Coelho > violino/viola

Gonçalo Lélis > violoncelo

João Casimiro Almeida > piano

Diana Ferreira > programação

Arte no Tempo > produção

A Arte no Tempo é uma estrutura
financiada pela República Portuguesa -
Cultura / Direcção Geral das Artes.

O ars ad hoc é um projecto apoiado pelo
Banco BPI e Fundação "la Caixa".

Apoio:

Direcção Geral das Artes -
República Portuguesa

SOLANGE AZEVEDO

(Póvoa de Varzim, 1995)

Is the timer set? [2024]

para clarinete, violoncelo e piano

O tempo e a percepção que temos dele tem vindo a ocupar um espaço significativo na minha reflexão, possivelmente pelo facto de o tempo estar intrinsecamente ligado ao meu trabalho, mas também porque me fascina a forma como a percepção que temos de um mesmo tempo pode ter “tempos” diferentes. As diferentes formas de perceber o tempo acontecem pela maneira como nos relacionamos com ele, como as nossas ações estão, ou não, em consonância para com o tempo que temos. “Is the timer set?”, tem por ideia base três formas de perceber o tempo e indicações como “Estás atrasado!!”, “Mesmo a tempo!”, e “Estás à espera” vão surgindo na partitura, de modo a sugerir ao músico em que tempo estamos. Um primeiro momento, “Estás atrasado!!”, vive da coexistência entre o facto de o tempo parecer estar a passar demasiado rápido e a percepção de que estamos a avançar de forma lenta, estando em dissonância para com o tempo que temos. A peça começa com um alarme a tocar, e este alarme vai tocando ao longo da primeira parte, de modo a avisar-nos do atraso. Em determinado momento dois metrónomos tocam ao mesmo tempo, o tempo a que queríamos estar e o tempo em que realmente estamos confundem-se, quase sincronizam, mas não acontece. Interrupções entre gestos e estruturas, rápidas e lentas, estão muito presentes, de forma a evidenciar a alternância entre a rapidez que o tempo parece ter e a lentidão com que parece estarmos a movimentar-nos. Num segundo momento as coisas acontecem “a tempo”, de forma mais linear, sem interrupções. O tempo escolhido é ao segundo de modo

a destacar este mesmo a tempo, um metrónomo dá o tempo para que este se inicie e quase é possível ouvir um relógio. Por fim, um último momento, que se relaciona um pouco com o primeiro, mas de forma oposta. Aqui estão em coexistência a percepção de que o tempo parece passar muito devagar e a vontade de que avance rapidamente. Esta é uma parte com alguma repetição, havendo respirações exasperadas escritas na partitura, para a sensação de que o tempo não avança.

S. A.

ARNOLD SCHÖNBERG (1874 - 1951)

Pierrot Lunaire, op. 21 [1912]

para voz, flautas, clarinetes, violino/viola, violoncelo e piano

Segundo René Leibowitz, no Outono de 1911, Schönberg fez um conjunto de palestras sobre estética e ensino da composição em Berlim, onde tomou contacto com a atriz Albertine Zehme. Seria Zehme a dar-lhe a ideia de compor sobre poemas da colectânea *Pierrot Lunaire: Rondels bergamasques* [1884], do simbolista belga Albert Giraud (1860-1929), mas partindo da tradução alemã de Otto Erich Hartleben, publicada em 1892. Entusiasmadíssimo e aproveitando todos os momentos disponíveis entre aulas e outras obrigações, o compositor cria uma nova partitura a partir de uma selecção de vinte e um dos cinquenta poemas traduzidos, organizando-os em três conjuntos de sete, cada um deles composto por treze linhas. Por muitos elogiada como melhor do que o original, a tradução de Hartleben respeitou a forma dos poemas, mas introduziu alterações significativas, como a utilização de versos sem rima. Apaixonado pela numerologia, na sua partitura Schönberg faz ainda aparecer três vezes o primeiro verso de cada um dos vinte e um poemas. O resultado musical são vinte e um melodramas para voz feminina com acompanhamento instrumental de flauta (também piccolo), clarinete (alternando com clarinete baixo), violino (também viola), violoncelo e piano, variando, a cada um deles, na instrumentação.

A máxima variedade é obtida através de recursos mínimos e a economia de meios traduz-se não só na exploração de todas as combinações tímbricas possíveis com um instrumental reduzido, como na criação de rico e profuso material musical, muitas vezes partindo da mesma raiz.

Sem deixar de se socorrer de recursos inscritos na tradição, *Pierrot Lunaire*, op. 21 está repleta de novidade. Abandonando o cromatismo das suas obras pós-românticas, a partir de 1908 Schönberg mergulha numa pantonalidade de que fará uso até despir definitivamente a harmonia de relações hierárquicas. E tal como em *Die Glückliche Hand*, op. 18, que compõe entre 1910 e 1913, o compositor estabelece aqui um uso sistemático do *sprechgesang* (simplicemente traduzível como canto falado), aproximando o discurso vocal de uma acção dramática mais expressiva. É em *Pierrot Lunaire*, op. 21 que Schönberg apresenta o seu mais sofisticado contraponto de até então. A reutilização de melodias em diferentes contextos, ao longo da obra - i.e., passando-as de um instrumento para outro em diferentes peças, apresentando-as na sua forma retrogradada ou organizando-as em canones diversos - confere unidade a um todo expressionista, que combina grotesco, sentimentalismo, ironia, leveza e horror, no registo descomprometido de um cabaret.

Resumindo melhor do que ninguém, Leibowitz compara Schönberg a Bach em engenho e inventividade, realçando a notável clareza resultante de tal rigor e complexidade de escrita. Nesse contraponto claríssimo, nos antípodas da sonoridade pesada das orquestrações românticas, o piano é o instrumento mais presente ao longo da obra, alternando entre texturas diversas.

Como exemplos dessa mestria, refiramos o nº 8, *Nacht*, uma rigorosa passacaglia, grave e escura como a noite; a coda do nº 13, *Enthauptung*, que recupera do nº 7 a melodia da flauta e a da voz, atribuindo agora esta última ao clarinete baixo e, posteriormente, ao violoncelo com imitação na viola; no nº 17, o clarinete apresenta a linha da viola em movimento

contrário, verificando-se ainda um canon duplo entre voz e flautim e, em movimento contrário, entre viola e clarinete; no nº 18, verifica-se um canon duplo por retrogradação entre flauta/clarinete e violino/violoncelo, havendo um eixo de simetria a meio da peça, relativamente ao qual tudo é novamente tocado na ordem inversa, a que voz e piano (num contraponto fugado a três vozes) permanecem alheios.

Com o próprio compositor a dirigir e a voz de Albertine Zehme (vestida de Pierrot), a estreia de *Pierrot Lunaire*, op. 21 foi suscitando reacções diversas: alguns assobios na primeira parte, um enorme entusiasmo na segunda e até gargalhadas na terceira (que fizeram Schönberg interromper o espectáculo até que se fizesse novamente silêncio). Naquele 16 de Outubro de 1912, na ainda recente Choralion saal, em Berlim, a obra acabou por se revelar um êxito, com vários regressos a público de todos os intérpretes, em final apoteótico. Cento e doze anos depois, continuamos a tocar e ouvir *Pierrot Lunaire*, op. 21 com o mesmo espanto com que regressamos repetidamente e ávidos aos incontornáveis clássicos.

Cumprindo a tradição do ars ad hoc, que faz da música de câmara também um exercício de cidadania, esta apresentação resulta de um trabalho aprofundado de exploração conjunta da partitura, dispensando-se o recurso a (ou a segurança conferida por) um maestro.

anacaseiro.com
arsadhoc.artenotempo.pt
artenotempo.pt/solange-azevedo
artenotempo.pt/arnold-schoenberg

Pierrot Lunaire, op. 21

Seleção de poemas de Albert Giraud (1860-1929), a partir da tradução alemã de Otto Erich Hartleben (1864-1905); tradução livre para português.

I

1. Mondestrunken

Den Wein, den man mit Augen trinkt,
Gießt Nachts der Mond in Wogen nieder,
Und eine Springflut überschwemmt
Den stillen Horizont.

Gelüste schauerlich und süß,
Durchschwimmen ohne Zahl die Fluten!
Den Wein, den man mit Augen trinkt,
Gießt Nachts der Mond in Wogen nieder.

Der Dichter, den die Andacht treibt,
Berauscht sich an dem heiligen Tranke,
Gen Himmel wendet er verzückt
Das Haupt und taumelnd saugt und
schlüpft er
Den Wein, den man mit Augen trinkt.

2. Colombine

Des Mondlichts bleiche Blüten,
Die weißen Wunderrosen,
Blühen in den Julinächten -
O brach ich eine nur!

Mein banges Leid zu lindern,
Such ich am dunklen Strome
Des Mondlichts bleiche Blüten,
Die weißen Wunderrosen.

Gestillt wär all mein Sehnen,
Dürft ich so märchenheimlich,
So selig leis - entblättern
Auf deine braunen Haare
Des Mondlichts bleiche Blüten!

I

1. Ébrio de Luar

O vinho que bebemos com o olhar
Jorra da lua durante a noite.
E uma maré impetuosa
Inunda o horizonte sereno.

Incontáveis desejos, medonhos e doces,
Vogam sobre as ondas.
O vinho que bebemos com o olhar
Jorra da Lua, durante a noite.

O poeta, movido pela emoção,
Inebria-se com a bebida sagrada.
Extasiado, ergue o rosto para o céu
E, cambaleando, sorve o vinho
Que bebemos com o olhar.

2. Colombina

As pálidas flores do luar,
Essas rosas brancas de maravilha,
Florescem nas noites de Julho...
Oh! Pudera eu colher ao menos uma!

Para suavizar a minha dor,
Procuro nos rios sombrios
As pálidas flores do luar,
Essas rosas brancas de maravilha.

A minha ansiedade acalmaria,
Pudera eu desfolhar,
Terna e veladamente,
Pelos teus cabelos escuros
As pálidas flores do luar!

3. Der Dandy

Mit einem phantastischen Lichtstrahl
Erleuchtet der Mond die krystallinen
Flacons

Auf dem schwarzen, hochheiligen
Waschtisch

Des schweigenden Dandys von Bergamo.
In tönender, bronzener Schale
Lacht hell die Fontaine, metallischen
Klangs.

Mit einem phantastischen Lichtstrahl
Erleuchtet der Mond die krystallinen
Flacons.

Pierrot mit dem wächsernen Antlitz
Steht sinnend und denkt: wie er heute sich
schminkt?

Fort schiebt er das Rot und das Orients
Grün

Und bemalt sein Gesicht in erhabenem Stil
Mit einem phantastischen Mondstrahl.

4. Eine blasse Wäscherin

Eine blasse Wäscherin
Wäscht zur Nachtzeit bleiche Tücher;
Nackte, silberweiße Arme
Streckt sie nieder in die Flut.
Durch die Lichtung schleichen Winde,
Leis bewegen sie den Strom.

Eine blasse Wäscherin
Wäscht zur Nachtzeit bleiche Tücher.
Und die sanfte Magd des Himmels,
Von den Zweigen zart umschmeichelt,
Breitet auf die dunklen Wiesen
ihre lichtgewobnen Linnen -
Eine blasse Wäscherin.

3. O Dândi

Com um raio de luz fantástico,
A Lua ilumina os vasos de cristal
Sobre o toucador, negro e sagrado,
De taciturno dândi de Bergamo.

Na taça de bronze soa alegremente
O som metálico da fonte.
Com um raio de luz fantástico,
A Lua ilumina os vasos de cristal.

Meditativo, com rosto de cera,
Pierrot pensa como se pintará hoje.
Rejeita o carmim e o verde do Oriente
E, num estilo sublime, pinta o rosto
Com um raio de luz fantástico.

4. Uma pálida lavadeira

Uma pálida lavadeira,
Lava, de noite, lençóis brancos,
De braços nus e prateados,
Inclina-se sobre o rio.

A brisa sopra na clareira
E agita suavemente a corrente.
Uma pálida lavadeira,
Lava, de noite, lençóis brancos.

E a donzela meiga e celestial,
Acarinhada docemente pelos ramos,
Estende pelo prado sombrio
O seu linho tecido pelo luar -
Uma pálida lavadeira.

5. Valse de Chopin

Wie ein blasser Tropfen Bluts
Färbt die Lippen einer Kranken,
Also ruht auf diesen Tönen
Ein vernichtungssüchtger Reiz.

Wilder Lust Accorde stören
Der Verzweiflung eisigen Traum -
Wie ein blasser Tropfen Bluts
Färbt die Lippen einer Kranken.

Heiß und jauchzend, süß und
schmachtend,
Melancholisch düstrer Walzer,
Kommst mir nimmer aus den Sinnen!
Haftest mir an den Gedanken,
Wie ein blasser Tropfen Bluts!

6. Madonna

Steig, o Mutter aller Schmerzen,
Auf den Altar meiner Verse!
Blut aus deinen magren Brusten
Hat des Schwertes Wut vergossen.
Deine ewig frischen Wunden
Gleichen Augen, rot und offen.
Steig, o Mutter aller Schmerzen,
Auf den Altar meiner Verse!
In den abgezehrten Händen
Hältst du deines Sohnes Leiche.
Ihn zu zeigen aller Menschheit -
Doch der Blick der Menschen meidet
Dich, o Mutter aller Schmerzen!

5. Valsa de Chopin

Tal como uma pálida gota de sangue
Dá vida aos lábios do doente,
Também desta melodia
Exala um mórbido encanto de destruição.

Sons desenfreados perturbam
O sonho gélido do desespero -
Tal como uma pálida gota de sangue
Dá vida aos lábios do doente.

Ardente e exaltante, ténue e fraca,
Melancólica e triste valsa,
Que não abandonas o meu pensamento,
Gravaste-te na minha memória,
Como uma pálida gota de sangue.

6. Madona

Ergue-te, ó mãe de todas as dores,
No altar dos meus versos!
A ira da espada faz verter
Sangue do teu peito esquálido.

Tuas feridas, frescas e eternas,
São como olhos estarecidos e escarlates.
Ergue-te, ó mãe de todas as dores,
No altar dos meus versos!

Com as mãos em sangue,
Seguras o cadáver do teu filho
Para o mostrar a toda a Humanidade.
Mas o olhar dos homens evita-te,
Ó mãe de todas as dores!

7. Der kranke Mond

Du nächtig todeskranker Mond
Dort auf des Himmels schwarzem Pfühl,
Dein Blick, so fiebernd übergroß,
Bannt mich wie fremde Melodie.
An unstillbarem Liebesleid
Stirbst du, an Sehnsucht, tief erstickt,
Du nächtig todeskranker Mond
Dort auf des Himmels schwarzem Pfühl.
Den Liebsten, der im Sinnenrausch
Gedankenlos zur Liebsten schleicht,
Belustigt deiner Strahlen Spiel -
Dein bleiches, qualgebornes Blut,
Du nächtig todeskranker Mond.

II

8. Nacht

Finstre, schwarze Riesenfalter
Töteten der Sonne Glanz.
Ein geschlossnes Zauberbuch,
Ruht der Horizont - verschwiegen.
Aus dem Qualm verlornen Tiefen
Steigt ein Duft, Erinnerung mordend!
Finstre, schwarze Reisenfalter
Töteten der Sonne Glanz.
Und vom Himmel erdenwärts
Senken sich mit schweren Schwingen
Unsichtbar die Ungetume
Auf die Menschenherzen nieder..
Finstre, schwarze Riesenfalter.

7. A Lua doente

Ó Lua nocturna e moribunda,
Lá no coxim negro do céu,
O teu olhar, febril e intenso,
Fascina-me como uma estranha melodia.

Irrequieta de saudades,
Morres de amor insaciável,
Ó Lua, nocturna e moribunda,
Lá no coxim negro do céu.

O jogo dos teus raios diverte
O amante que, inebriado pelo desejo,
Procura furtivamente a amada -
O teu sangue lívido, nascido da tortura,
Ó Lua nocturna e moribunda.

II

8. Noite

Traças gigantes, negras e escuras
Mataram o esplendor do sol.
Um livro mágico fechado,
repousa no horizonte - silencioso.

Da bruma das profundezas
Exala um odor que destrói a memória!
Traças gigantes negras e escuras
Mataram o esplendor do sol.

E do céu, rumo à Terra,
Voam monstros invisíveis
Que agitam as pesadas asas
E penetram os corações dos homens...
Traças gigantes negras e escuras.

9. Gebet an Pierrot

Pierrot! Mein Lachen
Hab ich verlernt!
Das Bild des Glanzes
Zerfloß - Zerfloß!
Schwarz weht die Flagge
Mir nun vom Mast.
Pierrot! Mein Lachen
Hab ich verlernt!
O gib mir wieder,
Roßarzt der Seele,
Schneemann der Lyrik,
Durchlaucht vom Monde,
Pierrot - mein Lachen!

10. Raub

Rote, fürstliche Rubine,
Blutge Tropfen alten Ruhmes,
Schlummern in den Totenschreinen,
Drunten in den Grabgewolben.
Nachts, mit seinen Zechkumpanen,
Steigt Pierrot hinab - zu rauben
Rote, fürstliche Rubine,
Blutge Tropfen alten Ruhmes.
Doch da - strauben sich die Haare,
Bleiche Furcht bannt sie am Platze:
Durch die Finsternis - wie Augen! -
Stieren aus den Totenschreinen
Rote, fürstliche Rubine.

9. Oração a Pierrot

Pierrot! O meu riso
Eu perdi!
A imagem de brilho
Esfumou-se - esfumou-se!

Negra é a bandeira
Do meu mastro, agora.
Pierrot! O meu riso
Eu perdi!

Oh, devolve-mo,
Curandeiro da alma,
Boneco de neve da poesia,
Senhor da Lua,
Pierrot - o meu riso!

10. Roubo

Vermelhos, nobres rubis,
Gotas de sangue de antiga glória,
Repousam nos túmulos
Enterrados nas criptas.

De noite, com os seus companheiros de
folia,
Pierrot desce - para roubar
Vermelhos, nobres rubis,
Gotas de sangue de antiga glória.

Mas eis que se eriçam os seus cabelos,
E ali ficam imóveis e aterrados:
Através da escuridão - como olhos! -
cintilam nos túmulos sagrados os
Vermelhos, nobres rubis.

11. Rote Messe

Zu grausem Abendmahle,
Beim Blendeglanz des Goldes,
Beim Flackerschein der Kerzen,
Naht dem Altar - Pierrot!

Die Hand, die gottgeweihte,
Zerreißt die Priesterkleider
Zu grausem Abendmahle,
Beim Blendeglanz des Goldes

Mit segnender Geberde
Zeigt er den banger Seelen
Die tiefend rote Hostie:
Sein Herz - in blut'gen Fingern -
Zu grausem Abendmahle!

12. Galgenlied

Die drre Dirne
Mit langem Halse
Wird seine letzte
Geliebte sein.
In seinem Hirne
Steckt wie ein Nagel
Die drre Dirne
Mit langem Halse.
Schlank wie die Pinie,
Am Hals ein Zäpfchen -
Wollstig wird sie
Den Schelm umhalsen,
Die drre Dirne!

11. Missa vermelha

Para a sinistra comunhão,
 luz brilhante do ouro
Ao luzir das velas,
Pierrot aproxima-se do altar.

A sua mão, consagrada,
Rasga as vestes sacerdotais
Para a sinistra comunhão,
 luz brilhante do ouro.

Com um gesto de bênção,
Mostra às almas ansiosas
A hóstia vermelha e gotejante:
O seu coração - em dedos sangrentos -
Para a sinistra comunhão!

12. Canção patibular

A prostituta magra
De pescoço comprido
Ser a sua
ltima amante.

Na sua cabeça,
Presa como um prego,
A prostituta magra
De pescoço comprido.

Esguia como um espeto,
No pescoço, uma trana -
Com luxria ela vai
Abraar o patife.
A prostituta magra!

13. Enthauptung

Der Mond, ein blankes Türkenschwert
Auf einem schwarzen Seidenkissen,
Gespenstisch groß - dräut er hinab
Durch schmerzendunkle Nacht.
Pierrot irrt ohne Rast umher
Und starrt empor in Todesängsten
Zum Mond, dem blanken Türkenschwert
Auf einem schwarzen Seidenkissen.
Es schlottern unter ihm die Knie,
Ohnmächtig bricht er jäh zusammen.
Er wähnt: es sause strafend schon
Auf seinen Sünderhals hernieder
Der Mond, das blanke Türkenschwert.

14. Die Kreuze

Heilige Kreuze sind die Verse,
Dran die Dichter stumm verbluten,
Blindgeschlagen von der Geier
Flatterndem Gespensterschwarme!
In den Leibern schwelgten Schwerter,
Prunkend in des Blutes Scharlach!
Heilige Kreuze sind die Verse,
Dran die Dichter stumm verbluten.
Tot das Haupt - erstarrt die Locken -
Fern, verweht der Lärm des Pöbels.
Langsam sinkt die Sonne nieder,
Eine rote Königskrone. -
Heilige Kreuze sind die Verse!

13. Decapitação

A Lua, um branco sabre turco,
Sobre um coxim de seda preta,
Assombrosamente grande - aproxima-se
Na noite dolorosamente escura.

Pierrot vagueia sem descanso
E olha para cima com uma angústia mortal
Para a Lua, um branco sabre turco,
Sobre um coxim de seda preta.

Os joelhos tremem-lhe e
Ele desmaia repentinamente.
Ele imagina ouvir sibilar,
Sobre o seu pescoço de pecador,
A Lua, um branco sabre turco.

14. As cruzes

As cruzes sagradas são os versos
Sobre os quais os poetas silenciosamente
sangram,
Cegos pelas picadas dos abutres,
Enxame esvoaçante de fantasmas!

As espadas deleitaram-se nos seus corpos,
Resplandcentes no sangue escarlate!
As cruzes sagradas são os versos
Sobre os quais os poetas silenciosamente
sangram.

Morta a cabeça - sem vida os caracóis -
Ao longe, desvanece-se o clamor da
multidão.
Lentamente, o sol mergulha no horizonte,
Uma vermelha coroa real.
As cruzes sagradas são os versos!

III

15. Heimweh

Lieulich klagend - ein krystallnes Seufzen
Aus Italiens alter Pantomime,
Klingts herüber: wie Pierrot so holzern,
So modern sentimental geworden.
Und es tönt durch seines Herzens Wüste,
Tönt gedämpft durch alle Sinne wieder,
Lieulich klagend - ein krystallnes Seufzen
Aus Italiens alter Pantomime.
Da vergißt Pierrot die Trauermienen!
Durch den bleichen Feuerschein des
Mondes,
Durch des Lichtmeers Fluten - schweift die
Sehnsucht
Kühn hinauf, empor zum Heimathimmel
Lieulich klagend - ein krystallnes Seufzen!

16. Gemeinheit

In den blanken Kopf Cassanders,
Dessen Schrein die Luft durchzetert,
Bohrt Pierrot mit Heuchlermienen,
Zärtlich - einen Schädelbohrer!
Darauf stopft er mit dem Daumen
Seinen echten türkischen Taback
In den blanken Kopf Cassanders,
Dessen Schrein die Luft durchzetert!
Dann dreht er ein Rohr von Weichsel
Hinten in die glatte Glatze
Und behäbig schmaucht und pafft er
Seinen echten türkischen Taback
Aus dem blanken Kopf Cassanders!

III

15. Nostalgia

Em suave queixume - suspiro de cristal
Solto pelos velhos pantomimos italianos,
Lamenta como Pierrot se tornou tão
enfadonho,
Tão moderno e sentimental.

No deserto do seu coração ressoam
Sons abafados que chegam a todos os
sentidos,
Em suave queixume - suspiro de cristal
Solto pelos velhos pantomimos italianos.

Pierrot esquece o seu rosto de dor!
Através do fogo pálido da Lua,
Pelas ondas do mar vagueia a nostalgia,
Subindo ousadamente ao céu natal,
Em suave queixume - suspiro de cristal!

16. Atrocidade

Na cabeça nua de Cassandro,
que rasga o ar com os seus gritos,
Pierrot, com fingida ternura,
Vai abrindo um buraco!

E com o seu polegar, enche-o
Com genuíno tabaco da Turquia.
Na cabeça nua de Cassandro,
que rasga o ar com os seus gritos!

Depois, coloca na cabeça lisa um cachimbo
Feito de ramo de ginjeira.
E fuma e bafora calmamente
O seu genuíno tabaco da Turquia,
Da cabeça nua de Cassandro!

17. Parodie

Stricknadeln, blank und blinkend,
In ihrem grauen Haar,
Sitzt die Duenna murmelnd,
Im roten Röckchen da.
Sie wartet in der Laube,
Sie liebt Pierrot mit Schmerzen,
Stricknadeln, blank und blinkend,
In ihrem grauen Haar.
Da plötzlich - horch! - ein Wispern!
Ein Windhauch kichert leise:
Der Mond, der böse Spötter,
Äfft nach mit seinen Strahlen -
Stricknadeln, blink und blank.

18. Der Mondfleck

Einen weißen Fleck des hellen Mondes
Auf dem Rücken seines schwarzen Rockes,
So spaziert Pierrot im lauen Abend,
Aufzusuchen Glück und Abenteuer.
Plötzlich - stört ihn was an seinem Anzug,
Er beschaut sich rings und findet richtig -
Einen weißen Fleck des hellen Mondes
Auf dem Rücken seines schwarzen Rockes.
Warte! denkt er: das ist so ein Gipsfleck!
Wischt und wischt, doch - bringt ihn nicht
herunter!
Und so geht er, giftgeschwollen, weiter,
Reibt und reibt bis an den frühen Morgen
--
Einen weißen Fleck des hellen Mondes.

17. Paródia

Agulhas de tricotar, lisas e brilhantes,
Enfeitando o seu cabelo grisalho,
Senta-se Duena a murmurar,
vestida de rubras cores.

Espera no caramanchão,
Amando Pierrot dolorosamente.
Agulhas de tricotar, lisas e brilhantes,
Enfeitando o seu cabelo grisalho.

E de repente - escutai! - um sussurro!
Uma brisa ri-se suavemente:
A Lua, malvada e trocista,
Imita com os seus raios -
Agulhas de tricotar, lisas e brilhantes!

18. Uma mancha de luar

Com uma mancha branca de luar
Nas costas do seu traje preto,
Assim se passeia Pierrot na noite amena,
Em busca de felicidade e aventura.

De repente - algo o incomoda no seu fato,
Olha em volta e encontra -
Uma mancha branca de luar
Nas costas do seu traje preto.

Espera! pensa ele: parece uma mancha de gesso!
Limpa e volta a limpar, mas a mancha não desaparece!
E assim continua, inchado de veneno,
Esfregando e esfregando até de manhã cedo -
Uma mancha branca de luar.

19. Serenade

Mit groteskem Riesenbogen
Kratzt Pierrot auf seiner Bratsche,
Wie der Storch auf einem Beine,
Knipst er trüb ein Pizzicato.
Plötzlich naht Cassander - wütend
Ob des nächtgen Virtuosen -
Mit groteskem Riesenbogen
Kratzt Pierrot auf seiner Bratsche.
Von sich wirft er jetzt die Bratsche:
Mit der delikaten Linken
Faßt den Kahlkopf er am Kragen -
Träumend spielt er auf der Glatze
Mit groteskem Riesenbogen.

20. Heimfahrt

Der Mondstrahl ist das Ruder,
Seerose dient als Boot;
Drauf fährt Pierrot gen Süden
Mit gutem Reisewind.
Der Strom summt tiefe Skalen
Und wiegt den leichten Kahn.
Der Mondstrahl ist das Ruder,
Seerose dient als Boot.
Nach Bergamo, zur Heimat,
Kehrt nun Pierrot zurück;
Schwach dämmert schon im Osten
Der grüne Horizont.
Der Mondstrahl ist das Ruder.

19. Serenata

Com um arco gigante, grotesco,
Pierrot arranha a sua viola.
Como uma cegonha sobre uma só perna,
Dedilha melancolicamente um pizzicato.

De repente, Cassandro aproxima-se -
furioso
Com o virtuoso noturno -
Com um arco gigante, grotesco,
Pierrot arranha a sua viola.

Agora, atira-a para longe:
Com a sua delicada mão esquerda
Segura a cabeça calva pelo pescoço -
Sonhando, toca na sua careca,
Com um arco gigante, grotesco.

20. Regresso a casa

O raio de luar é o remo,
Um nenúfar serve de barco;
Pierrot navega nele para Sul,
O vento sopra de feição.

O riacho canta profundas escalas
E balança o barco leve.
O raio de luar é o remo,
Um nenúfar serve de barco.

Para Bergamo, para casa,
Pierrot regressa agora;
A oriente, vislumbra-se já
O horizonte verde.
O raio de luar é o remo.

21. O alter Duft

O alter Duft aus Märchenzeit,
Berauschest wieder meine Sinne;
Ein närrisch Heer von Schelmerein
Durchschwirrt die leichte Luft.
Ein glücklich Wünschen macht mich froh
Nach Freuden, die ich lang verachtet:
O alter Duft aus Märchenzeit,
Berauschest wieder mich!
All meinen Unmut gab ich preis;
Aus meinem sonnumrahmten Fenster
Beschau' ich frei die liebe Welt
Und träum' hinaus in selge Weiten...
O alter Duft - aus Märchenzeit!

21. Ó velho perfume

Ó velho perfume dos tempos de contos de fadas,
Inebrias novamente os meus sentidos;
Um exército de foliões
Desliza no ar ligeiro.

Um desejo feliz leva-me a aspirar
Por alegrias que há muito desprezei:
Ó velho perfume dos contos de fadas,
Inebrias novamente os meus sentidos

Pus fora todo o meu desgosto;
Da minha janela com sol,
Admiro livremente o mundo querido
E sonho com a felicidade longínqua...
Ó velho perfume dos tempos dos contos de fadas!

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio



Coprodução



Mecenas do Museu

